

A Sr.<sup>a</sup> D. MARIANA DE AZEVEDO COUTINHO que tomou parte n'uma recita no Politeama em favor dos soldados portugueses

(«Cliche» Bobone).

Lisboa, 10 de Julho de 1916

II série — N.º 542

## Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SÉCULO

• Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43 •

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.  
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Assinatura para Portugal,  
colónias portuguesas  
e Hespanha: { Trimestre 1\$20 cty.  
Semestre. 2\$40 ..  
Ano ..... 4\$80 ..  
Numero avulso, 10 centavos



**DE 10 ESCUDOS A 50 ESCUDOS  
POR SEMANA  
POR UMA HORA DE TRABALHO DIARIO**

Com uma ideia na cabeça e 10 Escudos em dinheiro para começar, fiz 25.000 Escudos em dois anos.

Se o vosso emprego vos traz preso sobre um jogo de livros: de contabilidade, ou por detrás d'um balcão, ou agarrado a maquina d'escrever, ou gulando um bom tiro de cavalos, ou sobre o tramway, ou n'uma qualquer officina, ou onde quer que seja que o vosso trabalho vos detenha, eu posso mostrar-vos a estrada real, rapida e segura de obter mil vezes melhor. Demonstrar-vos hei por que modo iniciar um negocio, absolutamente vosso, com pequeno capital, e só durante as vossas horas livres. Podeis de facto cooperar comigo no negociar por meio de valores do correlo (venda de generos por correlo), e correr com o negocio da vossa propria morada, e como propriedade exclusivamente vossa. Se estas fazendo por ano 500 escudos, ou 1.000 escudos, ou 1.500 escudos, e deversas preclsaes fazeis em cada ano 2.500 escudos, ou 5.000 escudos ou mais, eu posso mostrar-vos como.



Nada importa quem vós sejas, ou em que vos occupais: nem a minguidade do vosso salario, ou a pobreza das vossas expectativas; nem tão pouco que estejais ou descontente ou desalentado; ou que os vossos amigos e parentes vos considerem incapaz d' bem succeder—o facto é que podéis de vez, vir a ser socio do maior promotor no mundo de todas as empresas por ordens postaes. Poderéis assim, e talvez pela vez primeira, começar a ver o dinheiro rodar em torno de vós a cada visita do Correlo, sem ralardes corpo e alma por cada tostão adquirido. Mui abertamente aqui vos offereço a oportunidade, talvez unica na vossa existencia, de fazerdes uma grande fortuna, sem vos pedir que me hipotegueis a vossa vida, e sem vos entalhar em contrato leonino, de feia usura, com um escorchador como Shylock.

Eu principiei com 10 escudos e recolhi um lucro de 2.500 escudos em dois anos, no negocio de «ordens pelo correlo». Ensinar-vos-hei muito depressa o verdadeiro segredo de ganhar dinheiro rapidamente; e de o conseguir lmpa, legitima e honestamente, de modo que podéis encargar o mundo todo na face, sem nunca perguntar d'onde vos vieram os vossos mil réis. O meu novo livro, que tem por titulo «Oportunidades de ganhar dinheiro no negocio de Ordens pelo Correlo», cabalmente explica tudo. Esse livro só vos custará o pedilho. Não é preciso remeter dinheiro algum. Querendo cobrir a verba de portes, pôde-se enviar selos (mesmo do seu proprio paiz) do valor de 15 Centavos Portuguezes. A direcção é: Hugh McKean, Suite 5002 A. N.º 260, Westminster Bridge Road, Londres, S. E., Inglaterra

**COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO**

Sociedade anonima de respons. limit.

Ações	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e amortisação	966.100\$000
Reis	330.311\$000

Sede em Lisboa. Proprietar'ia das fabricas do Prado, Mariana e Sobre rinho (Tamar), Penedo e Casal de Hermlro (Lousã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha), instaladas para uma producao annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressao e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especificas de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedor exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais.

**ESCRITORIOS E DEPOSITOS:**  
LISBOA—270, Rua da Princesa, 276  
PORTO—49, R. de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto.  
Companhia Prado. Numero telefonico: Lisboa. 005—Porto, 117

TELEPH. N.º 2638  
**PERFUMARIA ROSA D'OURO**  
COLOSAL SORTIMENTO  
Rua do Ouro, 281 JOAQUIM R. ALVES  
LISBOA

**Henri Manuel**  
**PHOTOGRAPHO D'ARTE**  
27, Rue du Faubourg, Montmartré  
Agencia Internacional de Retratagem  
As mais importantes colleccoes de retratos de altas personalidades.

**Perfumaria Balsemão**  
141, RUA DOS RETROZEIROS 141  
TELEPHONE N.º 2777—LISBOA

**O passado, o presente e o futuro**

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E FISIONOMISTA DA EUROPA



**MADAME Brouillard**

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quimicas, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarres, Lombrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onco foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem prediz-se a queda do Imperio e todos os acontecimentos

que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis

**Arzella**  
O MELHOR SABONETE

Compra e venda de propriedades  
**HIPOTECAS**  
Em Lisboa e provincias  
Trata: A. GOMES DA SILVA  
R. Augusta, 229. 2.º LISBOA

**CHA HORNIMAN**  
EM PACOTES  
UM SECULO DE EXITO UNIVERSAL





# Illustração Portuguesa

## CRONICA

N.º 542

10-7-1916



### A guerra — Velha anedota

Parece delinear-se uma ofensiva geral da parte dos aliados da França, antecedida d'um formidável avanço dos russos contra os austriacos, aos quaes os seus amigos alemães bem desejariam acudir; mas para isso teriam de desguarnecer as suas linhas e assim substituem, em parte, por uma afirmação de boa vontade a sua presença tão necessaria entre os adversarios dos russos.



Lembra este caso uma velha anedota de almanagues velhos — que eram bem mais desopiantes do que os novos.

Achava-se de sentinela a um quartel certo soldado boçal, que de subito se pôz a gritar desesperadamente:

— O' meu sargento! Venha cá depressa porque apahei um gatuno!

O interpelado, que estava na caserna:

— Traze o homem aqui!

— Não posso, meu sargento!

— Porquê?

— Porque ele não me larga!

### Palacio de Cristal

Todas as vezes que iamos ao Porto, a magnífica cidade do trabalho e do pitoresco, sentiamos uma grande tristeza ao visitar o Palacio de Cristal e os seus lindos jardins. Nem viv'alma n'aquelas soberbas alamedas, belezas que ninguém gosava, um ambiente de indiferença que não se explicava. E interrogavamos guardas e conhecidos sobre a provavel razão d'aquelle alheamento: o preço das entradas? a multiplicidade de locais igualmente formosos? a distancia do centro da cidade?



Mas eis que d'um momento para o outro esse estado se transformou. Já voltou ao palacio a animação de outros tempos, já é concorrido, já as belas portuenses, que são as mais belas das portuguezas, o elegeram para ponto de reunião distinto, já se conversa, se discute, se vive, se ama á sombra propícia d'aquellas arvores luxuriantes. Também não

sabemos a que se deva o milagre, mas não estaremos fóra da verdade se o atribuirmos á barateza actual do acesso, porque o que não é acessível ao povo tem fracas probabilidades de exito. Quem trabalha é que necessita de repousar, mais ainda talvez o espirito do que o corpo.

### Idade dos actores

Ultimamente tem acontecido que n'alguns teatros da capital certas atrizes se mostram renitentes em aceitar papeis de personagens que repre-

sentam idade superior á de elas, não porque sejam novas, mas porque o querem parecer, como se dentro e fóra do teatro não soubesse toda a gente a idade dos artistas! Chegam a recusar os papeis e de aí o desespero dos autores e dos empregarios, naturalmente sem forças para impôrem a uma senhora uma obrigação que lhe desagrade, e o prejuizo de que varias entidades são viti-mas, entre ellas o publico, que tem de suportar em trabalhos ás vezes de muita responsabilidade artistas mediocres, dos que não teem ainda categoria para imposições.



No emtanto, damos toda a razão a essas artistas; que uma mulher não queira parecer velha é uma garridice que todos os homens devem desculpar, porque é certamente por nossa causa que pretendem occultar a idade. Muito agradecidos a vossas excellencias.

### A hora nova

Com o epiteto de estupidas, nada menos, foram mimoseadas por varios jornalistas residentes em paiz estrangeiro, as pessoas que entre nós disseram que não percebiam o motivo do adiantamento d'uma hora nos relógios officaes. E' curioso como o portuguez, em saindo do seu paiz, se esquece depressa dos nossos habitos: pois não sabem esses jornalistas que aqui toda a gente compreendeu a alteração e que as declarações em contrario são a fingir?

Que era preciso fazer, desde que se decretava uma medida economica, com a intenção de se fazer cumprir? Graça, chalaça: era preciso «largar piada». Então nós haviamos de perder essa ocasião de ter espirito?



E afinal de contas cá nos vamos levantando e deitando higienicamente mais cedo uma hora do que d'antes, cá vamos poupano combustivel, etc., preparando-nos desde já para novas gracinhas quando se voltar, lá para o inverno, á hora antiga.

Somos tão engraçados!

ACACIO DE PAIVA.

(ILUSTRAÇÕES DE STUART CARVALHAES).

O illustre artista, sr. Manuel Gustavo Bordalo Pimheiro, que desde o principio vinha acompanhando esta cronica com as belas creações do seu talentoso lapis, tambem por motivo de trabalhos extraordinarios não pôde por algum tempo continuar com a sua colaboração tão dedicada como brilhante.

Nota da redação.





«**V**EM visitar-me. Espero-te.» Este telegrama entrou-me pelo quarto dentro, n'uma bela manhã de maio. Assignava-o o meu amigo X, que todos vocês conheceram ha anos, passando no Chiado um imenso fastio e um banalissimo monoculo. Não o via ha um ano, talvez. Uma bela tarde desapareceu do Gremio e foi enterrar-se na Beira, n'uma casa velha que herdara dos paes. Casara pouco antes com uma brazileira rica e linda, a Sofia Leite, a Fifi Leite, mais conhecida na má lingua dos chás do Marques e do Benard pela «Leite-Crème» — uma creaturinha loira, branca e franzina.

Muito se murmurou por essa Lisboa estouvada quando o X casou com a «Leite-Crème!» A Fifi não tinha uma má reputação — mas gosava, efetivamente, do que pôde chamar-se uma reputação esquisita. Devia-a, um pouco, ás suas maneiras livres, oscilando entre o mau gosto e a inconveniencia, aos seus cabelos d'um loiro impertinente, quasi ruivo, que davam um tom de espalhaço á sua figura magrita e balouçada — e, sobretudo, ao luxo estranho dos seus vestidos exagerados, turbulentos, imprevisitos, adivinhando e requeintando todas as audacias da moda. Fôra creada sem mãe — e o pae deixára-a, desde muito cedo, entregue aos seus caprichos de menina endinheirada e aos olhos d'uma ingleza romantica. O famoso Leite, que fizera no Brazil uma imensa fortuna com o café e, por isso, se tornára celebre pela sua alcunha de «café com leite» viajava e amava — e, para contentar a filha, mandava-lhe de Paris chapéus e figurinos.

A «Leite-Crème» não era, por isso, bem vista, sobretudo, pelas maledicencias femininas. A sua gentileza, irregular e excitante, tinha este diabolico prestigio que seduz os homens e desagradava ás mulheres. No dia do casamento, á saída da igreja, X disse-me por entre a fumaça d'um cigarro:

— Só havia em Lisboa um homem capaz de casar com esta mulher. Era eu.

E casou. Fôram a Paris vêr o velho Leite, que não assistira ao casamento e se desnatava no *boulevard*. Dois mezes d'pois, X e a «Leite-Crème» surgiram novamente em Lisboa e, um belo dia, X, que era um misantropo e um *blasé*, abalou.

Escreveu-me, dizendo: «Estou na Beira Baixa, n'uma pitoresca aldeia, a reconstruir a casa de meus paes. Has-de vir visitar-me. Está dito?» Respondi-lhe afirmativamente e nunca mais tive noticias d'ele.

Durante estes cinco anos, ouvi varias vezes falar do estranho casal. Uns diziam que eles não se davam bem; outros, diziam-os já separados; havia quem informasse de que a ruina lhes batera á porta e estavam sem um pataco. Alguem lembrou-se mesmo, em certa altura, de noticiar que a razão d'aquela abalada fôra a morte em Paris do «Café com Leite» que envidado e pobre...

— Qual Leite! — dizia-se no Gremio. — Agora é se viu: tudo agua...

E certas linguas de prata acrescentavam:

— Acabado o «café com leite», meninos, exgotaram-se-lhes as provisões...

Confesso que aquele telegrama me fez impressão e acordou em mim uma profunda curiosidade. O X fôra sempre um original — uma d'essas inteligentes subtis, preguiçosas, obstinadas, com a aristocracia da indolencia e da extravagancia e um inconcebível amor ao paradoxo. Sabia-o incapaz de qualquer esforço, mas capaz de todas as originalidades. Que diabo queria ele agora?

Fui. Linda manhã aquela em que cheguei á verdejante aldeia acocorada á sombra d'um risonho vale beirão! Tive de subir, ao suado trote de dois esfalfados cavalos de aluguer, uma pequena encosta debruçada sobre campos loiros de trigo e de abundancia. Ao cimo, a carruagem atravessou um largo portão brasonado e parou n'um vasto terreiro, em frente d'uma casa antiga.

Ao fundo da escada de pedra, um homem de pequena barba aparada e larga jaqueta castanha abriu-me os braços.

— Pois és tu?...

Efetivamente, era ele. Estava outro, viçoso, exuberante, solido. Ninguém reconhecera n'aquela moço sadio e barbado, o janota de cara glabra e mortica, que ha cinco anos adormecia nas poltronas do Gremio a sua imaginação e o seu tedio. Abraçamo-nos. Subimos os degraus da escadaria — e, ao cimo, á entrada da sala nobre do solar, adornada com retratos antigos, surgiu uma figura loira, nutrida, côr de rosa.

— E' a Fifi. Não a conheces?

A «Leite Crème!» Não a conheceria, com certeza. Engordára, ou, melhor, alargára, desabrochára, florira. Trazia um vestido simples, simpatico, alegre, um grande avental claro — e os dentes brancos sorriam, eguaes, ternos, brilhantes, na bôca grande e voluptuosa da Fifi d'out'ora. Só a bôca, o fulvo do cabelo e o geito levemente desdenhoso de andar e olhar denunciavam, de facto, o antigo animalsinho de caprichos e

luxo que ela fôra.

Caía de surpresa em surpresa. A «Leite Crème» do Chiado, gentileza definhada e complicada, artificial, extranha, com o seu ar desbotado de semi-vingem, transformára-se n'uma carnação branca, simples, saudavel — e dos seus vestidos tufados, garridos, imensos, restava aquele apetite côr de rosa, fresco e candido. E ele tambem, o meu corcovado e exquisito amigo X. d'outros tempos, abalava em largas passadas o soalho velho, rindo e empertigando-se.

— Homem! Tinha saudades tuas e vontade de saber coisas. Conta tudo!

— Pois tu até já ris! — disse-lhe eu, maravilhado.

— Rimos. Já nos rimos ambos, eu e a Fifi. Aprendemos tres mezes depois de cá chegarmos. E' agradavel.

E, efetivamente, riam ambos.

Passei ali dois dias frugaes, loquazes, claros. Pas-





seámos pelos prados, conversámos. Almoçava-se e jantava-se cedo, rapidamente. E foi á sobremesa d'uma d'essas refeições que, a sós com X (madame «Leite» esparecia na varanda) dei largas á minha surpresa reprezada.

— Estás famoso, homem, estás famoso e feliz! E, pelo que vejo, tencionas ficar por cá. Fazes bem.

X. objectou logo:

— Não. No inverno regressava a Lisboa.

— Palavra?

— Palavra.

— Aborreces-te?

— Não. Simplesmente terminámos o tratamento, eu e a Fifi. Sobretudo ela. Quasi um ano de tratamento, meu caro!

— Estavam então ambos doentes?

— Estavamos de perfeita saúde. Simplesmente, meu amigo, nunca compreendi bem a razão porque se não de tratar só as doenças.

E, propenso á confidencia, X. continuou:

— Casei-me, meu velho (posso jurar-te) porque gostava de minha mulher — e não pelo dinheiro, embora toda a gente supozesse o contrario. Mas compreendi logo que não me podia prestar, sem ser grotesco, que é a unica coisa que temo, ao papel tremendo de passear nas ruas de Lisboa os laços, as plumas e a pirotecnia dos vestidos da minha mulher. Contrariar-a, não. Mas consentir n'aquela estendal de extravagancia, tambem não — por uma questão de estetica. Tenho de ha muito a impressão de que os defeitos não se corrigem: curam-se. Ter o delirio de ser boneca de trapos, nas mãos de madame Pilar Mata ou manequim de exportação, é como o reumatismo ou a dispepsia — uma coisa que se trata. Com medicamentos? Não... Com regimen, sobretudo, com regimen.

Minha mulher (reconheci-o logo), precisava de fazer a sua cura de simplicidade e de bom gosto. Enquanto ela tivesse uma *vitrine* diante de si, havia de ser uma *vitrine*. Logo, remedio a aplicar: suprimir a *vitrine*. Trouxe a para aqui, dizendo-lhe que nos demoravamos pouco e, efetivamente, não tinha praso fixo para a minha vilegiatura. Instalámo-nos com vinte e duas caixas de chapéus e não sei quantas malas. Mandei pôr, no dia seguinte, a meza para o almoço — n'esta sala de jantar, que tem, como tu vês, qualquer coisa de refeitório franciscano. A minha mulher levantou-se tarde e appareceu para o almoço com um vestido de seda côr de palha, incrível, funesto, com qualquer coisa de andor e qualquer coisa de arraial. Fingi que não reparci. Comemos — e fomos dar uma volta pelos campos. Esse primeiro passeio foi uma jornada historica: vinte vezes a seda côr de palha desabou e minha mulher esteve para ficar sepultada debaixo da seda e da palha. No fim do jantar, propuz outro passeio, que ela não aceitou. Deixei-a ficar só — vestida agora côr de malva. Ha uma só coisa que cura um ridiculo: é deixar esse ridiculo, sósinho, frente a frente de si proprio. Minha mulher passou um dia, dois, tres, só com os seus setins côr de pinhão, os seus folhos côr de alecrim, as suas rendas e os seus decotes...

— Aborrecida?

— Provavelmente. Mas, como eu nada lhe dizia, nada me dizia tambem. Eu limitava-me a adiar todas as manhãs a partida e ela vingava-se, mandando encomendar mais vestidos á modista e mais figurinos ao pae. E eu, impassivel. O essencial para

uma mulher não é vestir as ultimas *toilettes*: é possuil-as. Por ultimo, minha mulher mandava vir os vestidos, mas já não os vestia. Ficava-se pelos antigos.

Uma tarde, passeámos, novamente. Ela levava em cima de si uma coisa estranha, bizarra, curta, com' uma tunica côr de morango e, na cabeça um capacete *dernier cri*. Sentámo-nos lá em baixo, no açude. Ao regressar, tivemos de atravessar a pequenina ponte, feita d'um tronco de pinheiro. Ela esteve quasi a cair — mas, de repente, a meio da passagem, olhou a agua e viu a imagem refletida pelo sol na corrente. Soltou nma gargalhada — ao vêr-se n'aquella limpidez da agua que não mente, como os espelhos. Ri, ri tam bem. E, ao deitar-me n'essa noite, tive, enfim, a impressão de que a cura ia começar.

Evidentemente, as melhoras acentuavam-se. Tínhamos apenas um mez de tratamento. Para encurtar, meu amigo: quinze dias depois, minha mulher fazia-me uma surpresa: um vestido de cambráia, ligeiro, desenfiteado, terno. Levei-a docemente até ao açude, fil a debruçar-se sobre o riacho e ouvi-lhe carinhosamente perguntar: «Fica-me bem?» Começava a convalescença que ainda teve a rechida d'uma *toilette* côr de açafão, com applicações de prata — vinda diretamente de Paris. Mas, felizmente, a rechida foi benigna — e hoje, como vês, posso dizel-a curada. Já desfaz os vestidos velhos para panos de limpar o pó; ha dois mezes que não encomenda chapéus e,

no outro dia, riu-se muito de um figurino antigo. Engordou, côrou. Não sei se já notaste o penteado. Começa a apreciar os gostos simples. Nada ha como a paisagem, que nos ensina a verdade e a ironia, para ensinar uma mulher a vestir-se. Posso finalmente regressar ao Chiado, sem medo dos garotos...  
— E não tens receio que, fóra d'aquí, o mal recrudescça?  
X. calou-se um momento. Depois, fleugmaticamente:

— Não. Estas coisas quando se curam, é de vez. São como a coqueluche: não voltam. Mas... se assim não fôr, aos mais leves sintomas do mal, já sei o que hei de fazer: meto-a no primeiro comboio e levo-a lá baixo, ao açude... Fica boa.

— E não tens receio que, fóra d'aquí, o mal recrudescça?

X. calou-se um momento. Depois, fleugmaticamente:

— Não. Estas coisas quando se curam, é de vez. São como a coqueluche: não voltam. Mas... se assim não fôr, aos mais leves sintomas do mal, já sei o que hei de fazer: meto-a no primeiro comboio e levo-a lá baixo, ao açude... Fica boa.

Augusto de Castro.





## Preparação para a guerra — A vida em Tancos



Na charneca da Chamusca.—A cavalaria tomando agua na lagôa da Murta

Logo de manhã cedo começa no Entroncamento, ao resfolegar dos motores, a organização dos comboios de «camions» que para Tancos, a cidade de «Paulôna», levam viveres e munições. E' uma hora curiosa, esta do despertar, nos dois acampamentos. E como esta outras ha interessantes, cheias de pitoresco imprevisto, taes como a da entrega da ordem, a que comparecem officiaes de todas as unidades, a hora amiga do correio, a da «toilete», feita um pouco ao acaso, ao ar livre, improvisação de barbearias como nos dias



O filho do capitão de estado maior sr. Vitorino Godinho, ao pé do automovel do sr. ministro da guerra.

de mercado nas aldeias; a da recepção dos viveres que logo começam a levar o destino inevitavel dos enormes panelões do rancho, etc.



O sr. capitão Freiria, do estado maior, em syde-carr, guiado por um escrivão de finanças, sargento miliciano

Este o espectáculo quotidiano do acampamento de Tancos. Pôde considerar-se a vida habitual do formigueiro militar.

A excepcional é composta pelos repetidos exercicios, longed'ali extensas leguas, exercicios que amiudadas vezes duram mais que um e dois dias e obrigam assim o soldado a fazer vida de campanha, dormindo aos dois e tres sob as tendas portateis e cosinhan-



No quartel general.—A entrega da ordem



No correio do acampamento.—Aguardando a distribuição





**Em Tancos.**—1. Sapadores mineiros abrindo trincheiras 2. Condução de um ferido—3. Na Aringa (junto ao quartel general da divisão de Instrução)—

do ao ar livre. D'estes, os mais interessantes sem duvida são os da cavalaria, quasi sempre realizados no descampado da



O major sr. Roberto Batista, chefe do estado maior da divisão, e os srs. Helder Ribeiro, Ivens Ferraz e Oldemiro Cesar, enviado especial do Secuko

charneca onde as lagoas asseguram a data de agua aos cavalos, e ás vezes mesmo um banho refrigerante aos cavaleiros mais im-



Defezas de acesso das trincheiras com arame farpado





Linha de atradores de infantaria 7. Exercícios de fogo real na charneca da Chamusca

prudentes. A travessia da ponte de barcas, obra dos engenheiros militares, é feita a pé, constituindo um curiosíssimo espectáculo a que a paisagem do local, com o velho castelo liliputiano de Almourol emergindo de um tufo de verdura, empresta um cenário de maravilha e encanto.

De pé nas suas barcas de ferro, vestidos de branco, com cobrenucas no kepi os soldados pontoneiros vigiam a

travessia, em dias de visitas de officiaes graduados erguidos ao alto os seus remos em continencia.

E essas visitas tornam se cada vez mais amudadas, á medida que se aproxima a epocha dos grandes e intensos exercicios finais da instrução a que o sr. presidente da Republica assistirá, quebrando com a movimentação dos regimentos em paradas de revista a monotonia da vida diaria.



Tancos (acampamento da segunda brigada)—Pelotão de infantaria em formação na ocasião de ser içada a bandeira



Em Tancos.—Um combolo automovel, formado pelos camions americanos «Reilly», depois de ter trazido os viveres para o acampamento, vindos do serviço de étapes



Paralelamente aos efficacissimos trabalhos de preparação a que se estão dedicando com um verdadeiro ardor de campanha as nossas tropas de terra e mar, o governo não descuidou o arranjo de

e foram concertados, referimo-nos tambem aos que se encontravam nos nossos portos colonias e ahi foram admiravelmente aproveitados.

Um dos mais frisantes exemplos é o



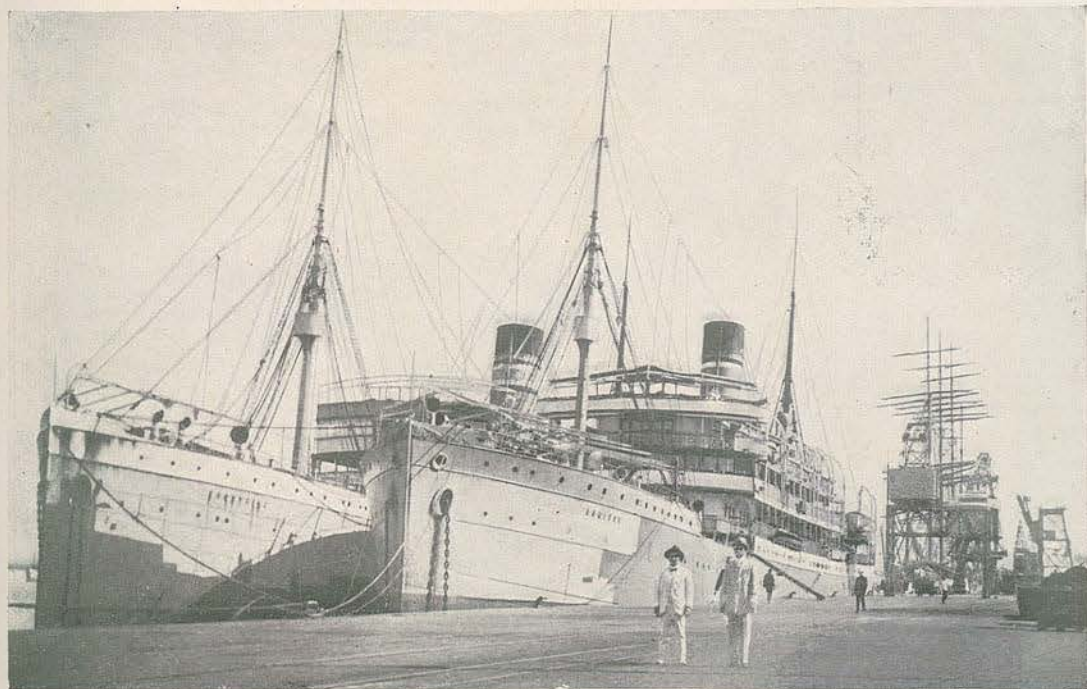
*Em Tancos.*—Cavalaria marchando em coluna de pelotões.—(Cliché Benollet).

meios de transporte, quer para as nossas necessidades militares, quer comerciais.

Todos os dias se apresentam já reparados e prontos a navegarem navios dos que foram tomados aos alemães. Já muitos tem saído e entrado nos nossos portos, desempenhando importantes missões, sem que os decantados submarinos os atacassem, nem de longe os perseguissem. Não nos referimos apenas aos que estavam em Lisboa

navio «Admiral», um dos melhores barcos alemães, que se dizia só poder ser reparado nas oficinas da União Sul-Africana e afinal foi reparado nas oficinas do caminho de ferro de Lourenço Marques.

Apezar de serem dificeis os trabalhos d'essa reparação concluíram-se de tal forma que o navio está em magnifico estado de navegar, como se tivesse saído do estaleiro.



Os vapores *Kronprinz* e *Admiral*, tomados aos alemães e surtos no porto de Lourenço Marques. Os inimigos tiraram do *Admiral* peças que não podiam ser substituidas na Africa, mas que os operarios da companhia dos caminhos de ferro conseguiram fabricar, pelo que se tornaram merecedores de todos os elogios (Cliché do sr. Bernardino Lourenço de Oliveira).





*Exercícios de regimento (na charneca da Chamusca)—Ata. que ao alto do Curral da Jordoa, executado por um regimento formado pelos batalhões 9, 12 e 14.*

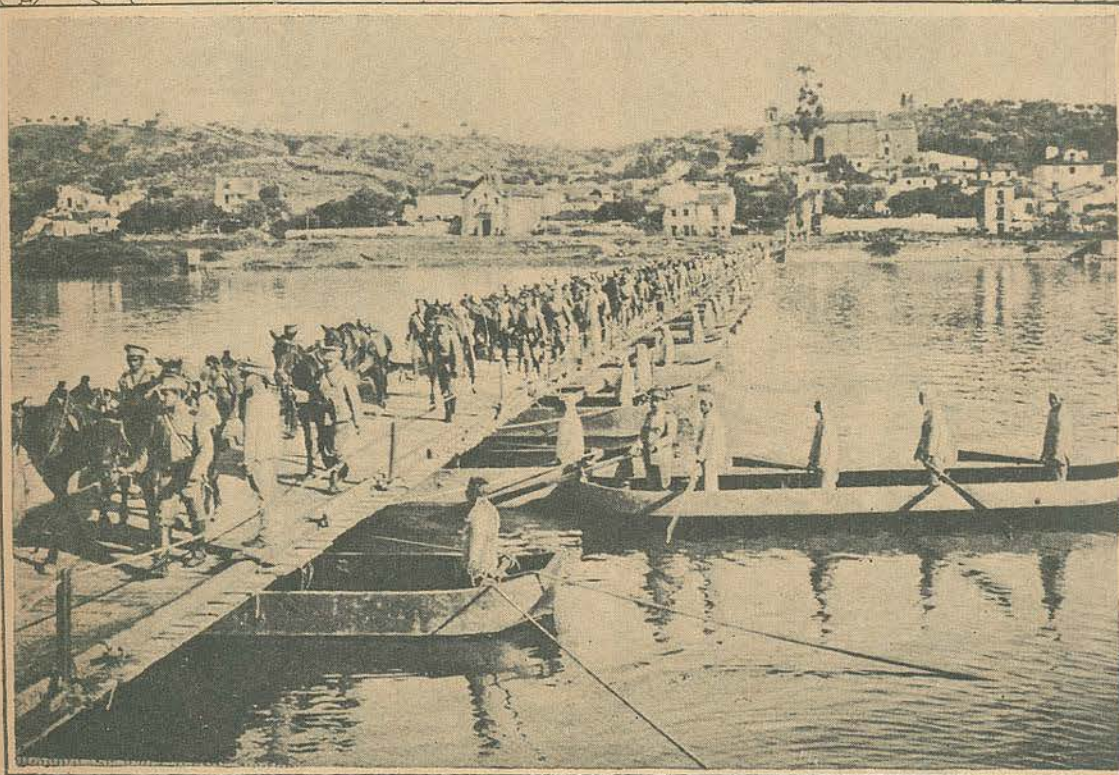


2. O coronel comandante de Infantaria 14, sr. Fonseca Lebre, ouvindo o major sr. Roberto Batista, chefe do estado maior, que lhe dá varias indicações sobre o tema do exercicio—3. A infantaria em marcha de ordem extensa.



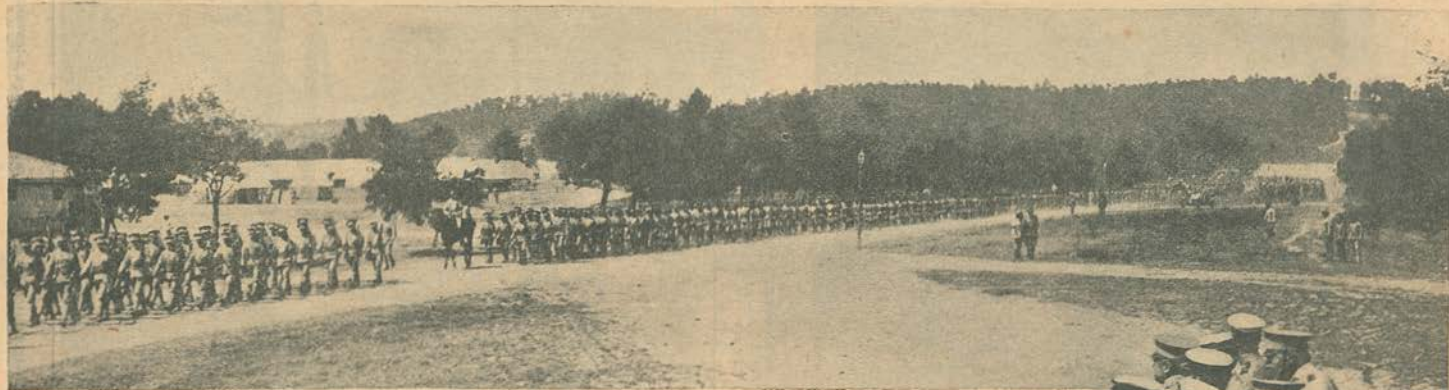


*Em Tancos.*—A infantaria recolhendo ao acampamento  
depois dos exercícios



Passagem da cavalaria pela ponte de barcas montada pela engenharla entre Tancos e o Arreplado para a travessia do Tejo





*Em Tancos.*—Desfile das tropas diante do ministro da guerra, sr. Norton de Matos, do ministro do trabalho, sr. Antonio Maria da Silva, do comandante da divisão naval, sr. Leote do Rego, e outros officaes da marinha e do exercito



Um regimento em continencia







*Na charneca da Chamusca.*—1. A cavalaria tomando agua na lagôa da Murta

2. Outro aspeto da cavalaria na lagôa da Murta



A cavalaria em marcha





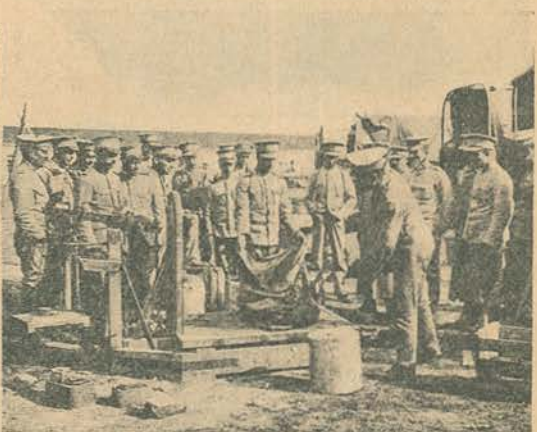
*Tancos.*—Um barbeiro no acampamento



*Tancos.*—Um canto do acampamento



*Entroncamento.*—Distribuição de rancho frio



*Tancos.*—A pesagem de chouriços



*No acampamento de infantaria 21.*—Construindo um chuveiro para banhos.



*Entroncamento.*—Abastecimento de água para o acampamento.

(Clichés Benollel, enviado especial da *Ilustração Portuguesa* a Tancos).—(Reprodução Interdi-  
ta).—Publicação autorizada por S. Ex.<sup>a</sup> o ministro da guerra.



# O VELHO MUNDO EM GUERRA

A morte de «lord» Kitchener afetou sem dúvida profundamente o coração da Grã Bretanha, e a perda d'esse poderoso espirito de organização não deixou de causar grande falta, n'um momento em que todos os homens de valor são poucos para resolver este sangrento conflito internacional, tanto na inutilisação do inimigo, como no delicado fecho da paz.

O abalo foi grande, mas a Inglaterra depressa voltou a si, para proseguir serena e altiva no importante papel que assumiu desde o primeiro dia em que interveiu na guerra. Homens de idéas, de



O general Robertson, atual chefe do estado maior do exercito Inglez, que tem estado a fazer as vezes de lord Kitchener

ação e de prestigio não lhe faltam para desempenhar a missão suprema que, sob consenso unanime dos aliados, lhe é universalmente atribuida na solução de uma causa em que se jogam os principios da liberdade e dos modernos direitos dos povos.

Tirados uns incidentes inevitaveis em politica partidaria, por mais que esta proteste depôr de todo as armas perante a politica soberana dos magnos interesses nacionaes, o facto é que a Inglaterra, nos seus homens de estado como nos de guerra, está dando o mais edificante exemplo da sua união tradicional, como da so-



Na Champagne.—A infantaria avançando protegida pela artilharia—(Clichés Branger)





*A ofensiva italiana.*—Os alpinos conduzem, a hraco, uma peça para a montanha do Trentino

briedade e da energia de fortes perante as vitórias das suas armas e da sua diplomacia. No meio de todos os comunicados officiaes, de todos os boletins, de todos os relatorios, em que se expõe o que se passa dia a dia nos campos de batalha e quanto se desenvolvem os meios que cada um tem de se defender, é curioso vêr o que dizem e como o dizem os inglezes. E' sempre a mesma gente sóbria, reflexiva, sem grandes expansões no falar.

Os seus comunicados são sempre de uma concisão singular, quer registem o estacionamento na luta, quer algum revez, quer ainda brilhantes vitórias, como as que todos os dias estão ganhando. Não conhecem a impaciencia, o desanimo, o exagero. Os alemães confessam que o que eles dizem pôde ser acreditado.

Ainda está na memoria de todos a notavel ação naval de Skager-Rack, em que os inglezes obti-

veram um assinalado triunfo, logo á primeira vista incontestavel. Só forneceram notas á imprensa e ás agencias telegraficas, e notas parcimoniosas, á medida que iam averiguando as circumstancias precisas em que se deu a batalha. E os alemães completamente vencidos, desbaratados e fugindo vergonhosamente com os seus navios, iam, entretanto, cantando vitoria por intermedio das suas agencias radiograficas!

Incomodaram-se os inglezes com tantas mentirolas umas em cima das outras? Nada! Leram-nas e desfizeram-nas uma a uma com a mesma fleugma.



O principe herdeiro de Italla saindo de uma cerimonia militar, onde foram distribuidas medalhas a alguns heroes



Maurice Barrés e Gabriel d'Annunzio em Veneza



## UMA BRILHANTE PARADA DAS SOCIEDADES DE INSTRUÇÃO MILITAR PREPARATORIA

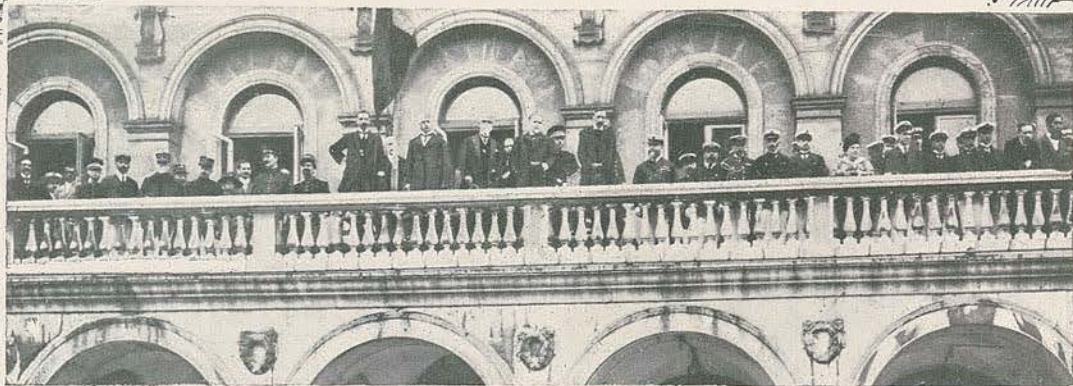
Foi um espetáculo deveras imponente a parada dos alunos das Escolas de Instrução Militar Preparatoria, realisada no primeiro domingo do corrente mez na Avenida da Liberdade. Aos jovens alunos, que pelo seu garbo marcial e pela maneira do seu porte pareciam verdadeiros soldados, foi-lhes passada revista pelo ministro da guerra, sr. Norton de Matos, que felicitou os comandantes dos varios nucleos pelos resultados das suas eficazes lições á mocidade, que será a defensora da Patria nas lutas que porventura tenhamos de travar com os nossos inimigos. O presidente da Republica, o presidente do ministerio e muitas entidades civis e militares assistiram da varanda do Teatro Nacional ao desfilar dos briosos rapazes que marchavam em linhas corretissimas, saudados pelo

Os srs. ministro da guerra, sub-secretario de estado, o comandante da 1.ª divisão e o major general do exercito, assistindo ao desfile das S. I. M. P. no L. de Camões



O ministro da guerra e o seu estado maior fazendo a continencia á bandeira da Sociedade de Instrução Militar Preparatoria n.º 4.





1. O sr. dr. Bernardino Machado, presidente da Republica, tendo á direita o presidente do Senado, sr. general Corrêa Barreto, e á esquerda o sr. dr. Antonio José d'Almeida, chefe do governo, e muitos officaes de terra e mar assistindo ao desfile dos alunos da varanda do Teatro Nacional. 2. O sr. ministro da guerra passando revista aos diversos grupos das Sociedades de Instrução Militar Preparatoria.



imenso povo que se juntou em todas as ruas do percurso aos gritos de vivas á Patria e á Republica.

O sr. dr. Bernardino Machado e o sr. dr. Antonio José d'Almeida foram tambem delirantemente ovacionados á saída do Teatro Nacional.



O desfile dos alunos da Instrução Militar Preparatoria pela Avenida da Liberdade

(Cluchés Benoitel).





O presidente da Republica e o chefe do governo aclamados pela multidão, no momento da saída do Teatro Nacional

(clichê Benoitel).



# CONCURSO HIPICO NO PORTO

Em todos os dias que se realizaram provas esteve concorridissimo o concurso hipico do Porto, que se efetuou no extenso parque do Bessa, á Boavista.

Todos os concorrentes deram brilhantissimas provas, vencendo obstaculos custosissimos de atingir, sem que tivesse havido qualquer desastre que perturbasse a animação que sempre se notou quer nos que entraram no concurso, quer no publico que assistiu.

Tanto os vencedores como os vencidos foram alvo das maiores demonstrações de aplauso pela coragem empregada em todos os seus difficilimos exercicios, não se tendo notado em nenhum d'elles fraquezas ou desanimos.

Foram umas tardes alegremente passadas e que deixaram excelentes recordações nos «sportsmens» que entraram no concurso e no publico.

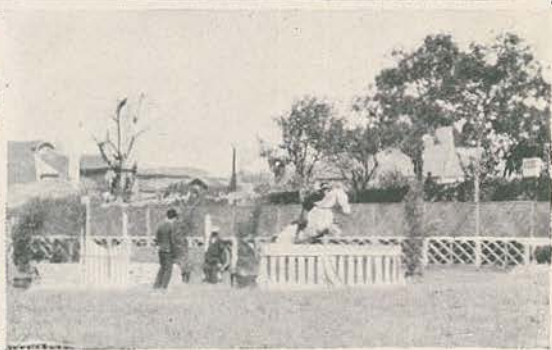
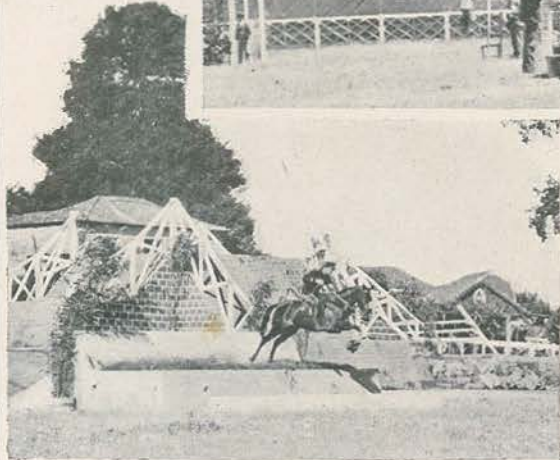


Aspetto da assistencia nos camarotes



2. O sr. Germond de Oliveira, 3.º premio dos *Avils rouges* e 1.º premio da *taca dos vencedores*

2. Um salto do sr. Germond de Oliveira no *Bohemine*



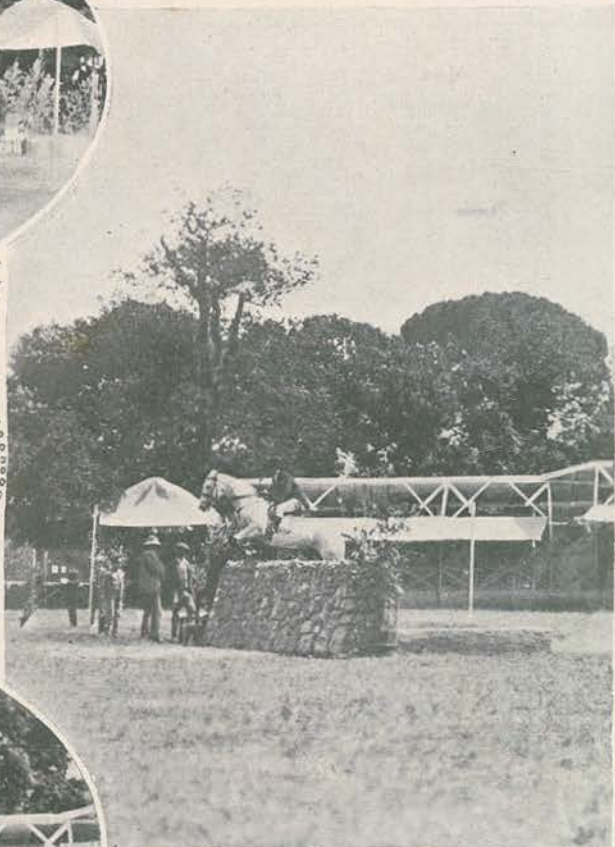
O tenente sr. H. Barata, no *Atalaia*, 6.º premio do *Grande Premio*

O sr. A Vilardebó, 4.º premio do *Grande Premio*





Os quatro prémios da «Taça dos Vencedores», vendo-se no centro a taça de honra conferida ao sr. Germond de Oliveira, executada na fabrica Miranda & Filhos, do Porto



2. Um salto «do plano» do sr. Manuel Latino no «Boby», 8.º premio do «Grande Premio»
3. O sr. João Pires da Campos, 7.º premio do «Grande Premio»
4. O sr. Silveira Ramos, no «Sunlight», do sr. conde de Anadia, 2.º premio do «Grande Premio»
5. Um belo salto do sr. Carlos Marin, na «Diana» («Chichés» do distinto fotógrafo sr. João L. Carreira, do Porto)



## FIGURAS E FACTOS

**FUNCHAL ARTISTICO.**—No salão fotografico dos srs. Perestrellos filhos realisou-se a exposição de trabalhos artisticos da sr.<sup>a</sup> D. Amelia de Sousa de Brito e Moura, constando de applicações em estanho sob faianças das Caldas, constituindo uma verdadeira novidade no Funchal. O salão tornou-se por alguns dias um verdadeiro *rendez-vous* da alta sociedade funchalense e foi tambem visitado por bastantes damas e cavalheiros da colonia ingleza, sendo os delicados trabalhos bastante apreciados e a sua iniciadora muito felicitada pelo bom gosto e harmonia dos desenhos escolhidos. Foram vendidos quasi todos os artisticos objetos expostos.

Na mesma occasião foram expostos ao publico os belos quadros a oleo, aturado trabalho do sr. J. de Brito e Moura que igualmente foram devidamente apreciados pelos entendidos em pintura, obtendo bons compradores.

Felicitemos os iniciadores da exposição, esperando em breve referir-nos aos seus novos trabalhos.



*Funchal.*—Um aspeto da exposição da sr.<sup>a</sup> D. Amelia de Sousa de Brito e Moura.

(Clíché da fotografia Perestrello & Filhos).



*MANÁOS.*—O consultorio de madame Delta, celebre ocultista portugueza

Madame Delta é uma das senhoras mais inteligentes e de mais fina intuição que se dedica ao estudo das ciencias occultas. Reside em Manáos. A sua casa, n.<sup>o</sup> 86, na Rua 10 de Julho, é o objeto de constantes visitas, e todos os dias é numerosa a correspondencia recebida pelo correio fazendo-lhe consultas e

expondo-lhe casos sobre que desejam ouvir a sua opinião, que no Novo Mundo vae tendo os respeitaveis fóros de uma verdadeira autoridade n'esse ramo de saber humano. São muitos e admiraveis os casos que se contam da sua prescencia, ocupando-se d'elles a imprensa local com os mais rasgados elogios.



**PÕ**  
**DE ABYSSINIA**  
**EXIBARD**  
*Sem Opio nem Morphina*  
 Muito eficaz contra a  
**ASTHMA**  
 Catarrho — Opressão  
 e todas affecções espasmódicas  
 das vias respiratorias.  
 35 Anos de Bom Exitto. — Medzilhas Ouro e Prata.  
**H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C<sup>o</sup>**  
 6, Rue Dombasle, 6  
 PARIS  
 E BOAS PHARMACIAS

**REMINGTON**  
**UMC**

**Cartuchos Calibre**  
**22 Para Tiro Ao Alvo**  
**E Caça Meuda**

Este alvo mostra 10 tiros feitos da distancia de 100 jardas. Feitos por J. Pepé do London Daily Telegraph. Autoridades Europeas admittem que este grupo de tiros foram os mais centralmente postos que elles conhecem. O Snr. Pepé já atirou 9000 tiros com o rifle com que elle fez esta marca—esta é uma recommendação eloquente que as munições REMINGTON-UMC não destroem nem sujam a cano. Aham-se á venda nas principaes casas d'este genero.

**REMINGTON ARMS-UNION**  
**METALLIC CARTIDGE COMPANY**  
 299 Broadway, Nova-York, N. Y.,  
 E. U. da A. do N.  
 Representantes:  
 No Sul do Brazil  
**LEE & VILLELA**  
 Caixa Postal 420, São Paulo  
 Caixa Postal 183, Rio de Janeiro  
 No Territorio do Amazonas  
**OTTO KUHLEN**  
 Caixa Postal 20 A., Manáos



Agente em Portugal: G. Heltor Ferreira, L. do Camões, 3—Lisboa

## Rio de Janeiro

A Empresa d'O SECULO faz publico que transferiu a sua agencia no Rio de Janeiro, para a conceituada firma **José Martins & irmão, R. do Carmo, 59. 1.º**, para onde devem ser dirigidos todos os pedidos de fornecimento avulso ou para revenda, de exemplares do

**Seculo**  
 Illustração Portuguesa  
 Suplemento de Modas & Bordados  
 e Seculo Comico

## FOTOGRAFIA

*Reutlinger*

A MAIS ANTIGA DE PARIS  
 AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

**21, Boulevard Montmartre**

PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-00

ASCENSOR

## OFICINAS DA

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



*Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes por preços modicos e com inexcédivel perfeição.*

### TRABALHOS DE

**Zineogravura, Fotogravura, Stereotipia,**

**Composição e Impressão**

**Zineogravura e Fotogravura** em zinco simples de 1.ª qualidade cobreado ou nikelado. **Em cobre, a cores**, pelo mais recente processo—o de reotipia de toda a especie de composição. **Impressão e Composição** de todo o genero de revistas, catalogos, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite. Impressão a ouro, prata, relevo, etc., etc.

**RUA DO SECULO, 43—Lisboa**



# A melhor agua de meza

A QUE OBTEVE MELHOR CLASSIFICAÇÃO BACTEREOLÓGICA

Excelente nos tratamentos de fígado, rins, diabetes, gota, etc.

AGUA DO ALARDO

Copo 20 réis — Garrações de 5 litros 240 réis



AGUA DO ALARDO

Tambem ha garrafas de litro,  $\frac{1}{2}$  litro e  $\frac{1}{4}$  de litro

A' venda em todo o paiz, ilhas, colonias e estrangeiro

SÉDE E DEPOSITO  
EM LISBOA

**Tittel, Macieira & C.<sup>a</sup>**

Telefone n.º 1138  
NORTE

RUA ALVES CORREIA, 233 a 237

(Antiga Rua de S. José)



SUPLEMENTO  
HUMORISTICO DE

O SÉCULO



Director: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de: J. DA SILVA ORAÇA, Lmta.\*

Editor: ALEXANDRE AUGUSTO CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SÉCULO, 43 — LISBOA

## LIÇÃO DE ESCRITA



— Porque escreve o menino calor com acento no O?  
 — Porque o papá disse hoje que o calor se acentua.



## PALESTRA AMENA

## Coisas varias

Desde a infancia, isto é, desde a época longi qua em que as nossas delicias de pobretão consistiam na leitura dos engenhosos romances de Ponson du Terrail, nunca mais o nosso espirito foi abalado profundamente até ha uma semana com um caso tetrico narrado em letra de molde. Duas vezes somos crianças, diz a Sabedoria de Nações, e diz bem. Ao entrarmos na segunda meninice sentimentosaos maravilhados e, vá lá a verdade toda, orgulhosos, com o que lemos ha dias n'uma gazeta de Lisboa: no Tejo, no famoso Tejo de cristal, ha piratas.

Piratas, aqui, ao pé do Caes do Sodré! Aqueles piratas que só passaram até agora aos nossos olhos atravez da nevoa densa das noites escuras de inverno, mal alumadas por lanternas de furta-fogo, singrando em aguas misteriosas, enfarruscados e barbaçudos, estão aqui, a dois passos, junto do Aterro.

Pois é verdade. Barcos e faluas teem sido assaltados em pleno Tejo por piratas que, de conformidade com a ordenança, apontam pistolas aos peitos dos assaitantes, e trasbordam as mercadorias para o barco assaltante, pondo-se em fuga.

E' até onde póde chegar o arrojo!

Nas barbas do nosso Leote, sob a inspeção bisbilhoteira dos holofotes, com uma vigilancia apertadissima de navios de guerra e mercantes armados em guerra!

Até faz esquecer as maravilhosas aventuras do Quím e do Manecas.

Foi sempre a multidão facil de enganar como uma criança. Sempre. E ainda ha dias o caso se passou mais uma vez, quando da famosa questão dos passes dos electricos.

Estava a excellentissima em sessão de pontifi. al para tratar do assunto. Assistiam muitissimos assinantes. Uma enchente á cunha. E estes cavalheiros, exaltadissimos, estavam dispostos a ir ás do cabo se a camara não trouxesse, n'essa sessão, uma resolução definitiva e favoravel ás criaturas.

Era a bota difficil de descalçar.

Então o engenheiro Navarro lembrou-se de propor que passasse a camara uns bilhetes, a cincoenta escúdos, que ela receberia, e dariam ingresso nos carros aos assinantes.

Ficou tudo satisfeitissimo e crente na virtude da panacea.

Ninguém viu que aquilo era um *truc* para a occasião e que nada havia de

menos exequiv l pela simplés razão de que... a Companhia não reconhecia á camara o direito de lhe encher os carros com passageiros... que não lhe pagavam.

Mas é sempre assim. Se amanhã houver sarrafusca contra os senhorios e a camara disser aos inquilinos que só pagam metade da renda é mediante recibos que ela passa teem direito a morar na casa dos outros, toda a gente se convence d'isso e a criança deixa de berrar.

Povo como este a nda ha-de nascer. Mas será necessario haver terra como esta, o que nos parece impossivel.

\* \* \*

Noticiam os jornaes que o grande poeta e ilustre academico galego, italiano, etc., João Maria Ferreira, anda agora de automovel, esbarrando constantemente com arvores, candieiros, paredes e pessoas. Um d'esses jornaes chama a atenção das autoridades e tem a audacia de pedir a quem de direito "que prenda o Ferreira mais curto pelas barbaças".

Não nos associamos a tal violencia. Mas... lembram-se? Quando apareceram os automoveis toda a gente dizia: —O que vae ser agora das bestas?

Está-se vendo.

João Ripanso.

## Andaço que anda

A nossa Palmira Torres, que anda a cantar no Brazil por conta do empregario Figueirôa, solicitou a intervenção do consul geral de Portugal no Rio de Janeiro, a fim de que o dito Figueirôa lhe pague aquilo a que se obrigou por escritura e não o que lhe dá na gana.

Até já o Figueirôa aprendeu a ser empregario no Brazil.

## NO BARBEIRO



—Você arranca-me a pele com essa navalha. Onde está o mestre?

—Foi ali a baixo fazer a barba.

## CAUTELA!

Uma mulher de Alfama comeu d'um pão de meio quilo, em que foi encontrada uma baía.

Cautela com os pães de quilo. Se calhar, trazem dentro um alemão.

## Espertesa de menino



—Olha, zéca, aqui está o menino que a mamã acabou de comprar.

—Devia ter custado barato porque é um boneco muito mal feito.

## O prodigioso Cabreira

O sr. Antonio Cabreira, que se apresentou de Lisboa para ir arejar a intelligencia, dividiu os seus trabalhos na sua academia por quatro consocios. Quer aizer: ele só, puxa a quatro!

## Francez e doutrina

Parece que tem dado os melhores resultados a aula de francez pratico mandada pela propaganda de Portugal, para ensino de *chauffeurs*. A rapaziada do pó pó-pó já fala franciú que é uma consolação, coisa de que estava muito precisada, não ha duvida.

O que conviria agora era que a Propaganda abrisse um curso de doutrina cristiã afim de a gen'e aprender as orações precisas para encomendar a alma a Deus, quando fôr vitima dos atropelamentos á franceza.

## DE FÓRA

## E'cos de S. João

I

Fui tirar a minha sina,  
Diz-me que hei de endoidecer  
Não ria d'isto, mentina,  
Se casarmos pode ser.

II

Dá-me noiva, S. João,  
Mais mansa que o teu cordeiro,  
Que seja um grande peiçãõ,  
—E possua algum dinheiro.

III

A sina que o outro dia  
Leram seus labios louçados,  
Diz que não ficas p'ra tia,  
Pudera! Não tens irmãos...

IV

A Micas do Julião  
Foi á fonte do Penedo.  
Se não fosse o S. João,  
Não se lavava tão cedo.

V

Deitaste fóra o bochecho,  
Ouviu-se um nome; era o meu.  
Ha mais Marias na terra,  
Inda bem que não sou eu.

Bramão de Almeida.



## CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para os alunos dos liceus)

## O alho

O alho, vegetalmente falando, é um epípero. Todos os meninos e meninas que me escutam sabem que é ele, se não o condimento principal da assorria, aquele que lhe dá o gostinho especial tão do agrado dos nossos paladares.

Encontra-se o alho profusamente espalhado na natureza e em especial nos mercados, como o da Praça da Figueira e o do Aterro, não sendo também raro encontrar-se nos ceirões dos vendedores ambulantes e ainda aos ombros d'estes, dispostos em séries, que se denominam résteas.

Do alho só se aproveita, para usos domésticos, a cabeça; as outras partes do corpo desprezam-se.

De todos os tempêros, é o alho o mais inteligente; diz-se «esperto como um alho» e não esperto como uma cebola, como a salsa, como a pimenta, etc.

«Sou um alho», significa que sou um barra, uma luminária ou outro objeto qualquer de reconhecido talento.

E' certo que se diz dos parvos que são «cabeças de alho», mas nesta expressão está sub-entendida a palavra «pôdre», porque as cabeças de alhos pôdres é que já não servem para nada.

Possue o alho uma anomalia anatómica muito de notar e é que não tem crâneo nem faces, mas dentes unicamente, apresentando ainda a particularidade de nunca os mudar, de ter uma única denteição; pelo que o alho não sofre nunca daquelas impertinentes rugagens infantís, que se atribuem aos primeiros dentes.

Referimo-nos nestas ligeiras considerações ao alho civilizado, ao que a cultura tornou propício á convivência do homem; ha, contudo, também o alho selvagem ou bravo, cujo nome popular é igual ao de certo general italiano, que se não pode dizer diante de meninos nem, muito principalmente, de meninas. Sabê-lo-hão a seu tempo.

Sem mais por hoje.

Bonaparte

(Aluno do liceu Camões).

## Correspondencia

**Boy Onatizul**—Não desapareceu coisa alguma, socegue e soceguem todas as pessoas que se teem alarmado pela incorporação do *Século Comico* na mania mais nova. A coisa é provisória: quantas vezes querem que o digamos?

## Tudo acaba!

Um grupo de negociantes de Angola foi pedir ao ministro das colonias a exportação de café sujo. Lá se vai o Refilão.

## EM FOCO



DR. GASTÃO DA CUNHA

Senhor embaixador, eu vo' saúdo, Porque o sois do paiz que mais estimo, Pedindo-vos desculpa d'este mimo, Que antes me conservasse quedo e mudo.

E' nulo o seu valor, pois não me iludo, E se a tal coisa me abalanco e animo E' porque assim supponho, me aproximo Da vossa terra, generosa em tudo.

Entrai na minha, que vereis bemvindo, Toda vos louvará como eu vos louvo E toda em festa aclamará, sorrindo;

Vereis que é como o vosso o nosso povo. Que o meu paiz é como o vosso: li' do, O irmão mais velho é como o irmão mais novo!

BELMIRO.

## Peça nova

O ator Eduardo Brazão presidiu a uma assembléa geral de papás de meninos abrangidos por um decreto que não lhes permite o exame do 2.º grau com dispensa de idade.

A casa teve uma enchente á cunha, tendo muitos papás ficado sem logar e marcado na bilheteira para a proxima reunião.

Brazão foi o grande artista de sempre, arrebatando o auditorio que por vezes o interrompeu com bravos e palmas.

No dia imediato foram todos, Brazão e publico, avistar-se com o ministro da instrução, representando-se d'esta vez a peça em *matinée*.

O Pedro Martins aplaudiu por delicadeza, mas não gostou.

E á noite foi vêr o *Pedro, o Cruel*, que era ministro da instrução publica no tempo de D. Inez de Castro.

## Livros, livrinhos e livrecos

**Praias do misterio**, poemas, de Augusto de Santa Rita.—E' do melhor que tem aparecido no mercado literario. Na proxima semana prestaremos o devido preito ao novo poeta, que o é a valer—dizemo-lo sem sombra de lisonja.

**Soldado portuguez**, versos, de José Osorio.—E' vibrante de entusiasmo patriótico o poemeto *Soldado portuguez*. Bastar-lhe ia essa qualidade (e outras tem) para nos agradar e categorisar entre os *livros*, longe dos *livrinhos* e *livrecos*.

## Os de fóra

Foi nomeado sub-delegado em Aviz o sr. Condorcet. E' revolucionario civil francez.

## Conservatorio

Ha uma situação invejavel, uma só, n'este paiz: é a de funcionario do Conservatorio. O grande casarão, cujas obras, como as de Santa Engracia, nunca acabarão, já está por muitas centenas de contos e tem logar para tudo: até para o Castelo Branco arrumar as farpelinh's que aluga aos teatros. Fóra o resto.

Agora o ministro determinou que se funde uma *Bolsa de Viagem* para que os professores do estabelecimento possam ir anualmente ao estrangeiro — um pelo menos estudar o progresso do ensino da sua especialidade.

Uma bolsa de viagem! Mas porque se não diz logo, claramente—um bolso de colete?



## Noticia de chapa

Todos os dias lêmos nos jornaes:

«O conselho de ministros está convocado para amanhã.»

Lembra a taboleta do outro: Hoje não se fia, amanhã, sim.

## Uma boa razão

Ha dias um amigo nosso viajava no comboio de uma das nossas linhas ferreas, não podendo nós dizer qual d'elas.

O nosso amigo notou que um cavalheiro que ia no mesmo compartimento cuspiu constantemente para o chão.

Enojado e aborrecido com aquilo, vira-se para o importuno companheiro de viagem e diz-lhe:

—O senhor não sabe que é proibido aos passageiros cuspirem nas carruagens?

—Sei, sim, senhor, mas eu não sou passageiro, sou diretor da companhia.

## Tabancas

O governo de Cabo Verde proibiu uma chuchadeira qualquer a que dão o nome de *tabancas* e que consiste em homens, mulheres e crianças, com vestes carnavalescas e — diz o decreto — manifestamente gentílicas, fazerem tropelias de que resultam assassinios e pancadaria grossa.

Bem espiohadinho, este caso das *tabancas* não se dá só em Cabo Verde. Cremos que a *tabanca* de cá é o conhecido *ir ás tabaqueiras* do proximo, usado a cada hora sem o rebuço da fatiota gentílica.

E até sem gentilidade nenhuma.



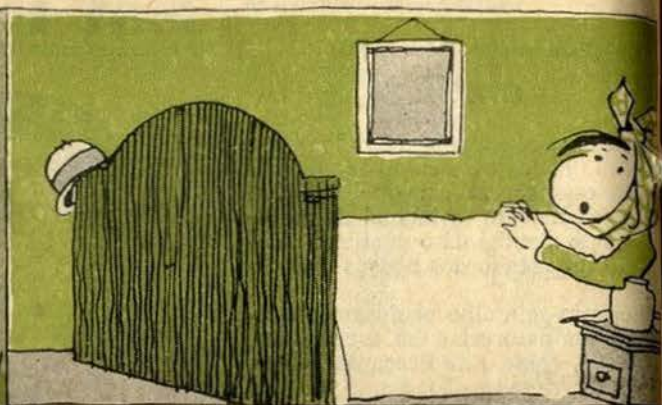


# AS MOSCAS VENENOSAS

(2.º Episódio da 6.ª parte do PÉ FATAL)



1. Os famosos *detectives* acordam em mísero estado. As moscas venenosas produziram-lhes no rosto um inchaço formidável.



2. E' porém o Quim o mais atacado e como tal recolhe ao leito bastante desanimado.



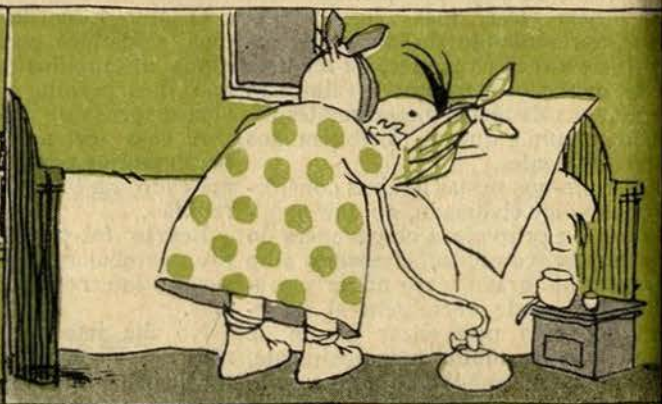
3. O Manecas, incute-lhe coragem e como é um químico a quem a ciência muito deve já, quer curá-lo.



4. Instala-se no seu laboratório e os ácidos e retortas andam n'um sarilho com este sabão de fama inconfundível.



5. Achou, como não podia deixar de suceder, o famoso antídoto que inutilisará o veneno das moscas, mas ao sair põe em funcionamento o seu aparelho radio-telegráfico.



6. Dirige-se rapidamente a vêr o Quim e aplica-lhe uma d'estas injeções cujos benéficos efeitos se não fazem esperar.



7. De volta ao laboratório vê na fita do aparelho um telegrama sensacional: «A policia dirigindo-se à hospedaria da tia Leocadia para identificar a morte do chefe do Pé Fatal já ali o não encontrou». O bandido mistificara-os, fingindo-se morto e dera, na primeira oportunidade, às de Vila Dlogo.



8. Fica furo, mas não desiste. D'ahi a pouco duas personagens misteriosas conduzindo as suas malas, dirigem-se para o comboio que os ha-de levar a Lisboa. Vão no encalço do bandido que decerto procurou a grande cidade para melhor escapar á perseguição que estes lhe fazem. Veremos se o conseguirá.